Globethics Repository



Bíblia e Liturgia [Bible and Liturgy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Ribeiro Santana, Luiz Fernando
Publisher	Departamento de Teologia da PUC-Rio
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-11-11 05:30:56
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/218325

ISSN 1676-3742

Bíblia e Liturgia

Bible and Liturgy

Luiz Fernando Ribeiro Santana

Resumo

A nossa exposição procurou realçar o valor teológico, catequético e pastoral presentes no número 52 da Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*. Neste documento, Bento XVI reconhece ser a liturgia o lugar privilegiado para a celebração da Palavra de Deus. A partir desse pressuposto foi nosso intento abordar três temáticas relacionadas entre si: a realidade da presença de Cristo em cada ato litúrgico, a dimensão pneumática da Palavra no culto e a Palavra de Deus na celebração litúrgica. Os que foram enxertados no Corpo de Cristo pelo batismo são convidados a "orar" e "celebrar" a Palavra de Deus no seu *locus* vital: o âmbito litúrgico. Todos os que participam da proclamação da Palavra de Deus na Igreja são enriquecidos com os sinais de Deus, os quais não cessam de se renovar sempre que essa mesma Palavra é acolhida pessoal e comunitariamente.

Palavras-chave: Palavra de Deus, Espírito Santo, presença de Cristo, Igreja, celebração litúrgica.

Abstract

This paper aims to highlight the theological, catechetical and pastoral features of *Verbum Domini* no. 52. In this Post-Synodal Apostolic Exhortation, Benedict XVI recognizes the Liturgy a privileged place for the celebration of the Sacred Scriptures. Having this premise as a starting point, we intended to embrace three themes related with one another: the reality of Christ's presence in each liturgical act, the pneumatic aspect of the Word within the Christian cult and the Word of God within the liturgical celebration. Those who have been through Baptism grafted into the Body of Christ are called to "pray" and "celebrate" the Word of God in its vital *locus*: the Liturgy. Everyone who partakes in the Word of God proclamation in the Church is enriched with God's signs which never cease to be renewed once this same Word is personally or communally welcomed.

Keywords: Sacred Scriptures, Holy Spirit, Christ, Church, liturgical celebration.

Introdução

A Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* – fruto da XII Assembleia geral ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada de 5 a 26 de outubro de 2008, no Vaticano – tem como escopo tratar da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.

Ao investigar a importância capital da Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, o documento sinodal assume como paradigma o prólogo do Evangelho de João, focalizando particularmente o versículo 14: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós". A motivação de tal escolha é o fato dessa passagem ser "um texto admirável que dá uma síntese de toda a fé cristã"[1].

À luz da pedagogia divina – lida e interpretada na ótica da experiência da revelação bíblica de todos os tempos – a irrupção do Verbo na história dos homens apresenta-se como um evento salvífico e criador. Para exemplificar isso bastaria tomar o modelo encontrado em Ex 3,7-8 – perícope fortemente

[1] BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010, n. 5 (Doravante citado como VD).

carregada de um *páthos* divino desejoso de salvar e recriar o povo eleito: "Eu vi, eu vi a miséria do meu povo (...). Ouvi o sei clamor (...); pois conheço as suas angústias. Por isso desci (...), para fazê-los subir (...)". Tal potência salvífico-criativa do *Lógos* eterno, que opta por se fazer história na história dos homens, encontra a sua máxima expressão no mistério da encarnação do Verbo, dado bastante enfático na Exortação Apostólica de Bento XVI: "(...) Vemo-nos colocados diante do mistério de Deus que se comunica a si mesmo por meio do dom da sua Palavra"[2].

O documento sinodal reassume, dessa forma, o critério inscrito na própria tessitura bíblica, a saber, a interpretação da Palavra de Deus à luz da fé eclesial. Com esse tema o Documento quis "debruçar-se" sobre o bloco dedicado à hermenêutica da Sagrada Escritura na Igreja (nn. 29-49): "E precisamente a ligação intrínseca entre Palavra e fé põe em evidência que a autêntica hermenêutica bíblica só pode ser feita na fé eclesial"[3]. É importante mostrar que, valendo-se de um método bastante utilizado pelos Padres da Igreja, a Exortação Apostólica opta por uma leitura de unidade das Escrituras. Nesta, o "Novo Testamento reconhece o Antigo Testamento como Palavra de Deus e, por conseguinte, admite a autoridade das Sagradas Escrituras do povo judeu"[4].

Além do mais – e esta é a proposta da nossa exposição – o Documento sublinha que o método tipológico inerente à Sagrada Escritura e característico da patrística encontra o seu contexto vital na celebração litúrgica da Igreja, razão pela qual não se pode descurar o título que encabeça os números de 52 a 71 da Exortação: "Liturgia, lugar privilegiado da Palavra de Deus". Nessas últimas décadas do pós-Concílio, aliás, esse tema tem vindo à baila, tanto na esfera da teologia litúrgica como na da teologia bíblica. Um exemplo disso é o estudo de M. Magrassi acerca da tipologia bíblico-patrístico-litúrgica da Palavra de Deus, onde Palavra e Rito se valem de uma unidade orgânica no âmbito da celebração[5].

É do nosso interesse gravitar criticamente em torno do número 52 da Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*. Nele encontramos a seguinte afirmação: a celebração litúrgica é "o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida: fala hoje ao seu povo, que escuta

[2] Idem, n. 1.

[3] Ibidem, n. 29.

[4] Ibidem, n. 40. A esse respeito o texto menciona o Documento da PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras*. São Paulo: Paulinas, 2002, nn. 3-5.

[5] MAGRASSI, M. *Viver a Palavra*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 9-41.

e responde". Mais especificamente, dele extrairemos três temáticas: 1) a realidade da presença de Cristo na Palavra proclamada; 2) a dimensão pneumática da Palavra na celebração cultual e 3) a Palavra de Deus na celebração litúrgica.

1. A presença de Cristo na Palavra

Em dois momentos a Exortação Apostólica *Verbum Domini* – retomando a teologia da Constituição Litúrgica *Sacrosancum* Concilium – explicita o papel fundamental da Palavra de Deus durante o momento celebrativo: "É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia (...)" e "[o próprio Cristo] está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura"[6]. Embora o nosso interesse seja mostrar a presença de Cristo na Palavra proclamada, convém mostrar a amplitude da visão Conciliar no tocante a essa mesma presença em suas variadas modalidades. Exemplo típico disso é a clássica afirmação do Documento concilar*:*

> De fato, para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que, outrora, se ofereceu na cruz, quanto sobretudo sob as espécies eucarísticas. Presente está pela sua força nos sacramentos, de tal forma que, quando alguém batiza, é Cristo mesmo que batiza. Presente está pela sua Palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia, Ele que prometeu: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles" (Mt 18,20)[7].

O Concílio Vaticano II, maturado ao longo do Movimento Litúrgico – fortemente marcado pela teologia bíblica –, não só realça a importância vital da Palavra de Deus na vida da Igreja como ainda destaca a presença de Cristo através da Palavra proclamada na liturgia. No que concerne à importantíssima declaração do Concílio acima mencionada – um dos pilares da *Verbum Domini* para tratar da noção teológica da presença de Cristo em sua Igreja e no mistério da liturgia – urge salientar que tal presença se justifica em virtude

[6] VD, n. 52. Cf. *Sacrosancum Concilium. Texto e comentário*. BECKÄUSER, A. (org.). São Paulo: Paulinas, 2012, nn. 24 e 7 (Doravante citado como SC).

[7] SC, n. 7.

da continuidade dinâmica e sempre atual da obra da redenção, de Pentecostes à parusia. O documento conciliar menciona explicitamente essa "obra" por duas vezes ao tratar do tema da natureza da liturgia: "Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus (...)" e "Realmente em tão grande obra (...)"[8]. Nos dois casos a referida obra (*opus*) tem uma dupla valência e finalidade, a saber: a glorificação de Deus e a santificação dos homens. Trata-se daquilo que poderíamos denominar de "bipolaridade" da liturgia. Num fluxo irrefreável e vitalizante, cada ato litúrgico, brotando de sua fonte radical – o amor de Deus que, num *exitus* apaixonado, sai em busca do homem – alcança cada criatura, tornando-a capaz de Deus (*capax Dei)*, isto é, habilitada a responder à proposta primeira do amor.

M. Kunzler nos lembra muito bem que a teologia litúrgica do Concílio Vaticano II está essencialmente baseada naquilo que ele denomina de equilíbrio "catabático-anabático", eixo constitutivo da Revelação de Deus e da dinâmica histórico-salvífica. Segundo esse autor, é a "catábase" divina (em vista do dom da salvação) que torna possível a "anábase" humana (a glorificação de Deus)[9]. Cada ato litúrgico, nesse sentido, é um diálogo sempre novo e atual entre os dois parceiros do drama histórico salvífico: Deus e o homem. Esse diálogo se transforma em experiência de vida, sobretudo, no *habitat* litúrgico-celebrativo. Nele, Deus entrega-se como oferta de salvação em sua Palavra e nos Sacramentos; ao homem cabe acolher livremente esses dons e ofertá-los a Deus em forma de resposta cultual. Em outros termos, poderíamos falar em dois movimentos intensa e profundamente abraçados entre si: os movimentos "catabático-soteriológico" e "anabático-latrêutico".

Segundo um adágio patrístico, Deus é glorificado na medida em que o homem tem vida."A glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus"[10]. A alegria de Deus, por conseguinte, é fazer com que o

[8] Cf. SC, n. 5.7

[9] KUNZLER, M. *La liturgia della Chiesa*. Milano: Jaca Book, p. 37-247. Com os termos "catábase" e anábase", Kunzler quer referir-se à descida de Deus ao homem e à subida do homem até Deus. De fato, os termos gregos "katábasis" e "anábasis" significam, respectivamente, descida e subida. Na primeira parte de sua obra, esse autor mostra a "catábase" como pura iniciativa de Deus no seu desejo de vir até os homens a fim de salvá-los. Nesse sentido, a "catábase" é o que justifica o mistério da páscoa de Cristo e a seu ministério de "liturgo" do Pai, bem como o envio do Espírito Santo em sua missão de santificar os homens; ela é também o pressuposto do mistério da liturgia. Na segunda parte do livro, Kunzler mostra, dentre outros aspectos, a realidade da Igreja como uma comunidade essencialmente anabática, ou seja, em sua vocação primeira de glorificar a Deus por tudo o que é e realiza em favor dos homens e de toda a criação.

[10] IRINEU. *Adversus Haereses* IV, 20,7.

homem participe da plenitude de sua vida trinitária. Afinal de contas, foi para isso que o Verbo de Deus se encarnou e levou a cabo o mistério pascal: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10,10). Por essa razão, a celebração litúrgica está longe de ser simplesmente uma obrigação preceitual, como se Deus tivesse necessidade de receber do homem uma homenagem cultual. Na verdade, ela já se propõe ser o "antegozo" dessa participação na vida de Deus, da liturgia celeste.

> Com Cristo, a liturgia celeste da Trindade se manifestou na terra. A obra do Filho, em cuja pessoa a humanidade e a divindade se uniram de modo único, consiste em refundar no homem a perfeita afirmação da própria existência de Deus. A liturgia tem o seu lugar na vida do Filho de Deus feito homem. O seu corpo é o templo de tal liturgia (Mc 14,58), e suas portas estão abertas, convidando-nos a participar da vida divina [11].

O homem não pode "criar" e "inventar" Deus. Segundo a ontologia da revelação bíblica, expressa em suas linhas essenciais e permanentes, Deus somente pode ser "acolhido" e livremente aceito pelo dom que faz de si mesmo na história ("catábase"). É na gratuidade de sua Revelação que podemos entrar em comunhão com o seu "ser" e nos tornar partícipes de seu plano salvífico. Do contrário, qualquer forma de "discurso sobre Deus" correria o risco de se tornar mera projeção humana e, até mesmo, um princípio de patologia mental. Acolhendo a "catábase" divina, tornamo-nos capazes de celebrar o mistério de Deus, sempre atuante em vista da nossa. A fé judaico-cristã, nesse sentido, não é um mero fenômeno religioso, não podendo, por isso mesmo, se esgotar na antropologia, na psicologia e na sociologia; e nem ser simplesmente analisado por essas ciências.

Diante do exposto até aqui podemos avaliar com mais clareza a capital importância da afirmação contida na Constituição *Sacrosanctum Concilium*, acima mencionada e aqui retomada: "De fato, para levar a efeito obra tão importante, Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas". Urge salientar que, de acordo com a nossa proposta, nosso foco e interesse é, sobretudo, enfatizar uma das formas da presença de Cristo no mistério do culto cristão – aliás a decisiva e determinante – em sua própria Palavra.

"Nas diferentes celebrações e nas diversas assembleias das quais os fieis participam de maneira admirável, exprimem-se os múltiplos tesouros da

[11] KUNZLER, M. op. cit., p. 85. Acerca da relação "liturgia terrena" e "liturgia celeste", conferir SC, n.8.

única Palavra de Deus (...)"[12]. Essa única Palavra se converte em acontecimento sempre novo, em "hoje" da salvação: Jesus Cristo. Isso nos é ilustrado pela declaração que Jesus fez numa celebração da Palavra, na Sinagoga de Nazaré. Imediatamente após a proclamação de uma passagem do trito-Isaías, ele afirma: "Hoje realizou-se essa Escritura que acabastes de ouvir" (Lc 4,21).

Essa realidade da presença de Cristo na liturgia pode ser ilustrada enfaticamente no contexto da celebração da Eucaristia, onde se torna marcante o que poderíamos denominar de "teologia da presença de Cristo" na Liturgia da Palavra. Ao tratar da Palavra de Deus no âmbito da Eucaristia, Bento XVI, na esteira de vários pronunciamentos do Magistério, reafirma que esta foi também uma proposta intencional do Concílio Vaticano II[13].

A Sagrada Escritura, proclamada na Liturgia da Palavra, evoca e torna atual toda a economia da salvação que, em Cristo, tem o seu pleno cumprimento. Sugestivo a esse respeito é o episódio dos "Discípulos de Emaús". Na tarde da Páscoa, o Ressuscitado se coloca entre dois de seus discípulos que se encontravam desolados e incapazes de reconhecer o Senhor. Em determinada altura do percurso, Lucas diz que Jesus retoma a revelação veterotestamentária e dela se faz um hermeneuta qualificado: "E, começando por Moisés e por todos os profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito" (Lc 24,27). Dado importante a se notar é o fato de a economia da primeira Aliança, toda ela, encontrar no Cristo pascal o seu cumprimento, o que fica também bastante marcado no seguimento da perícope: "Era preciso que se cumprisse tudo o está escrito sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (v. 44)[14].

A proclamação da Palavra na liturgia nos torna "contemporâneos" do Mistério de Cristo e nos coloca em comunhão com a sua presença. Celebrando o memorial da promessa feita a Abraão e levada a cabo na "plenitude dos tempos" (Gl 4,4), a Palavra anunciada na liturgia torna-se epifania da presença definitiva do Emmanuel, o "Deus-conosco" (cf. Mt 1,23; Is 7,14). Ele mesmo

[12] ALDAZÁBAL, J. (org.). *Mesa da Palavra*. Vol. I. *Elenco das leituras da Missa.* São Paulo, Paulinas, 2007, n. 3. (Doravante citado como OLM).

[13] VD, n. 54.

[14] Idem, n. 52: "Por isso, para a compreensão da Palavra de Deus, é necessário entender e viver o valor essencial da ação litúrgica. Em certo sentido, a hermenêutica da fé relativamente à Sagrada Escritura deve ter sempre como ponto de referência a liturgia, onde a Palavra de Deus é celebrada como palavra atual e viva: 'A Igreja, na liturgia, segue fielmente o modo de ler e interpretar as Sagradas Escrituras seguido pelo próprio Cristo, quando, a partir do *hoje* do seu evento, exorta a perscrutar todas as Escrituras'".

é o *euangélion* perenemente proclamado e tornado atual, evento de salvação para todos os que o acolhem na fé.

A nova etapa da economia salvífica iniciada com o "tempo da Igreja" encontra na pregação da Palavra – bem como no seu anúncio e celebração – o seu clímax. Ser portadora da Palavra de salvação e ministra de sua celebração é a principal missão confiada à Igreja: "Portanto, assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos (...), não só para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou (...) mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação através do Sacrifício e dos Sacramentos, sobre os quais gira toda a vida litúrgica"[15].

A Palavra de Deus, "que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos (...)"[16]. O ato proclamativo da Palavra abraça, dessa forma, todo o arco da *historia salutis* – nesta tornada promessa, cumprimento e expectativa da plena realização. Fundindo passado, presente e futuro, a Liturgia da Palavra se revela como "momento-síntese" de toda a economia salvífica. Sob o dinamismo de uma "tensão escatológica", a Palavra celebrada – o próprio Jesus Cristo, "o mesmo ontem e hoje" e "por toda a eternidade" (Hb 13,8) – projeta o Corpo eclesial para a última e definitiva etapa do plano divino da salvação. Essa mesma Palavra – "Corpo de Cristo"[17]– não cessa de alimentar a Igreja, "até que Ele venha" (1Cor 11,23).

2. A Dimensão Pneumática da Palavra na Celebração Cultual

É de fundamental importância destacar que a realidade da presença de Cristo em sua Palavra, no âmbito da celebração litúrgica, está intimamente conexa à missão que o Espírito Santo passa a exercer no seio da comunidade cristã após o evento de Pentecostes. Só se pode falar da presença de Cristo na Palavra e na Igreja graças à virtude do seu Espírito. "Cristo", "Palavra" e "Espírito Santo", segundo a fé cristã, já testemunhada em suas origens, sempre constituiu um trinômio indissociável na revelação que Deus faz de si mesmo.

[15] SC, n. 6.

[16] OLM, n. 8.

[17] Cf. VD, n. 56.

Ao tema da presença de Cristo na sua Palavra, a Exortação Apostólica *Verbum Domini* vincula o da ação do Espírito. "Por isso, constantemente anunciada na liturgia, a Palavra de Deus permanece viva e eficaz pela força do Espírito Santo (...)". E ainda: "De fato, a Igreja sempre mostrou ter consciência de que, na ação litúrgica, a Palavra de Deus é acompanhada pela ação íntima do Espírito Santo que a torna operante no coração dos fieis"[18]. Por conseguinte, após termos considerado a realidade da presença de Cristo nas ações litúrgicas, cabe-nos agora verificar que é graças ao acontecimento pneumático que tal presença torna-se possível.

O Concílio Vaticano II tem o mérito de trazer ao cenário da reflexão teológica a dimensão mistérica, tanto do Cristo quanto da Igreja. Ao tratar do tema da obra salvação, prenunciada por Deus, e realizada por Cristo em seu mistério pascal, assim declara o Concílio: "Por este mistério, Cristo, morrendo, destruiu a nossa morte e, ressuscitando, recuperou a nossa vida. Pois do lado de Cristo dormindo na cruz, nasceu o admirável sacramento da Igreja"[19]. Um fato, entretanto, devemos registrar, já que é reconhecidamente admitido por muitos estudiosos: a ausência de uma abordagem pneumática explícita na Constituição Litúrgica, capaz de mostrar o Espírito Santo como causa vital e eficiente da relação "Cristo"-"Palavra", no âmbito da celebração litúrgica, também ela, "mistério". Coube à teologia litúrgica pós-conciliar assumir a tarefa de enfrentar tal abordagem, o que, aliás, tem sido feito com seriedade e incansável fôlego.

De qualquer forma, a teologia litúrgica conciliar não hesita em ressaltar o nexo vital existente entre a celebração litúrgica – aqui tomada como paradigma a celebração eucarística – e a Palavra de Deus: a Palavra de Deus se faz celebração e a celebração torna-se Palavra de Deus atualizada e realizada do modo máximo: "Na celebração litúrgica é máxima a importância da Sagrada Escritura"[20]. Tal afirmação conciliar é suficiente para mostrar que, na verdade, a assembleia cúltica é, por excelência, o lugar onde os cristãos são confirmados na sua fé comum em Jesus Cristo e, por meio da ação do Espírito Santo, testemunham ser povo escolhido de Deus e "templo do Espírito" (cf. 1Cor 3,16).

---

[18] Idem, n. 52.

[19] SC, n. 5.

[20] Idem, n. 24.

> O Espírito de Jesus Cristo também está na Igreja, enviado por Jesus como cumprimento da promessa do Pai, fazendo da Igreja uma comunidade cúltica com a missão de celebrar o mistério da nossa salvação. O Espírito é a prova do amor do Pai e a comprovação da presença constante de Jesus no meio do seu povo. Nessa perspectiva, apresentamos o mistério da celebração litúrgica como o culto em espírito e em verdade de que Cristo falava (cf. Jo 4,24), pois a liturgia nasceu do lado de Jesus, morto na cruz, e é celebrada na virtude do Espírito Santo. Jesus Cristo, ao nos fazer partícipes do seu Espírito, capacita-nos a ser celebrantes da liturgia. Quando Jesus se entregou à morte, movido pelo Espírito (cf. Hb 9,14), brotaram do seu lado rios de água viva que alegram a cidade de Deus. Era o Espírito que aqueles que nele creram haviam de receber, uma vez que ele fosse glorificado pela ressurreição[21].

No dia de Pentecostes o Espírito Santo gera e manifesta Corpo de Cristo na fisionomia de uma assembleia profética e sacerdotal. Doravante a sua principal vocação será a de reproduzir, na variedade de formas e lugares, até a consumação dos tempos, a primeira assembleia do Cenáculo. Dessa maneira, a assembleia litúrgica sempre será o "lugar no qual se manifesta a ação do Espírito Santo através dos seus dons e carismas, mas, sobretudo, ela o lugar onde o Espírito Santo, triunfando sobre todas as divisões e desigualdades humanas, unifica os crentes no único Corpo de Cristo (...)"[22].

Uma vez convocada, a assembleia litúrgica passa a exercer duas tarefas fundamentais: evocar, mediante a Palavra de Deus, as maravilhas operadas por Deus ao longo de toda a história da salvação, e, em seguida, invocar a presença do Espírito Santo a fim de que a epopeia histórico-salvífica evocada seja reeditada no "hoje" da comunidade crente e celebrante. Em outros termos, tendo sido convocada por Deus, a Igreja recebe uma dupla missão: "fazer o memorial" do fato salvífico (missão anamnética) e invocar o Espírito, agente responsável pela perene atualização da salvação operada por Deus, através de sua Palavra (missão epiclética).

A Palavra de Deus não cessa de ser continuamente entregue à Igreja em oração. Ali ela se revela sempre viva e eficaz em virtude do poder do Espírito Santo. "Quando Deus comunica a sua palavra, sempre espera uma resposta, que consiste em escutar e adorar 'em Espírito e verdade' (Jo 4,23). O Espírito

[21] MALDONADO, L. - FERNÁNDEZ, P. "A celebração litúrgica: Fenomenologia e teologia da celebração". In: BOROBIO. D. (org.) *A celebração da Igreja*. Vol. I. São Paulo: Loyola, 1990. p. 252.
[22] RINAUDO, S. *La liturgia, epifania dello Spirito*. Torino: Elle do Ci, 1980, p. 86.

Santo, com efeito, é quem faz com que esta resposta seja eficaz, para que se manifeste na vida o que se escuta na ação litúrgica (...)"[23]. Tendo em si mesma uma estrutura dialogal – como acontece em todo o processo da revelação bíblica –, Deus, no Espírito, vem ao encontro do seu povo através de sua Palavra; este, por sua vez, responde, por meio dessa mesma Palavra e na força do Espírito, ao seu Deus. Podemos falar em uma dinâmica "descendente--ascendente", cujo artífice é sempre o Espírito Santo.

Essa proposta da *Verbum Domini* poderia ser ainda enriquecida se recorrermos àquilo que nos foi transmitido pela Constituição Dogmática *Dei Verbum*: "A Sagrada Escritura é a Palavra de Deus enquanto é redigida sob a moção do Espírito Santo". E ainda: "As divinas Escrituras, inspiradas por Deus e consignadas por escrito de uma vez para sempre, comunicam imutavelmente a palavra do próprio Deus e fazem ressoar através das palavras dos profetas e apóstolos a voz do próprio Espírito"[24]. Aqui o Concílio nos remete ao clássico texto paulino que diz serem as Escrituras "inspiradas por Deus" (cf. 2Tm 3,16, onde sublinhamos o termo grego "*theópneustos*"): o Espírito Santo não cessa de inspirar a Palavra sempre que ela é proclamada na assembleia litúrgica. Atuando dinamicamente no plano da revelação, o Espírito, de fato, não somente é a origem da Palavra inspirada – a Escritura encontra no Espírito a sua fonte – como também é nele que a Escritura encontra a sua meta: inspirar e comunicar a presença de Deus.

> Sempre que a Palavra de Deus é proclamada, é o Espírito que (...) fala por meio da voz do leitor e doa o fervor para que a mesma e única Palavra seja interpretada de modos diversos, uma vez que o mesmo Espírito Santo foi quem inspirou a Escritura. Com efeito, a capacidade de vivificar que tem a Palavra de Deus proclamada na assembleia é fruto do dinamismo do Espírito Santo[25].

"Na realidade, graças ao Paráclito é que a Palavra de Deus se torna fundamento da ação litúrgica, norma e sustentáculo da vida inteira", afirma Bento XVI ao dar um tom "paraclético" à sua abordagem pneumática da Palavra de Deus na liturgia[26]. O Paráclito torna-se assim o "fundamento da

[23] OLM, n. 6.

[24] CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*, n. 9 e 21, respectivamente.

[25] TRIACCA, A. M. "La celebrazione liturgica, epifania dello Spirito Santo". In: AA. VV. *Lo Spirito Santo nella liturgia*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1999, p. 86.

[26] VD, n. 52.

ação litúrgica", particularmente no que concerne à celebração da Palavra no culto divino.

"Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, é que vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse" – declara Jesus em Jo 14,26. Apoiados nessa promessa de Jesus à sua Igreja poderíamos compreender teologicamente o que a *Verbum Domini* afirma sobre a relação intrínseca que existe entre a Palavra celebrada e a atividade do Paráclito na Igreja, que é chamada a viver a partir do que celebra "da" e "na" Palavra.

Nessa declaração de Jesus, podemos perceber que a atividade do Espírito Paráclito é fortemente marcada por dois verbos: "ensinar" ("*didáskein*") e "recordar" ("*hypomimnéskein*"). Essas duas atividades delegadas ao Espírito são mencionadas juntamente e em íntima relação entre si, uma vez que o objeto de ambas tem em vista o mesmo escopo: atualizar na história a revelação de Jesus, Palavra viva do Pai. O Espírito Santo não possui, em absoluto, um ensinamento que lhe seja próprio, diferente ou contraposto àquele de Jesus.

O ensinamento de Jesus deriva do Pai e a ele diz respeito, da mesma forma que o ensinamento do Paráclito se refere a Jesus e a tudo aquilo que ele transmitiu com palavras e gestos. Assim, o agir e o instruir do Espírito Santo estão intimamente conectados com a revelação trazida por Jesus. Por conseguinte, não se trata de um ensinamento próprio, autônomo e independente. Isso pode ser bem ilustrado em Jo 16,13, onde Jesus declara que, quando o Espírito viesse, não falaria de si mesmo, mas comunicaria tudo aquilo que tivesse ouvido – imagem que nos poderia sugerir o Espírito como um autêntico ouvinte e discípulo da Palavra, a única capaz de despertar a fé dos crentes (cf. Tg 1,22).

> O principal, na economia do mistério com em sua liturgia, é o movimento de amor pelo qual o Pai dá-nos sua Palavra. Do mesmo modo, o despertar de nossa fé que o Espírito Santo suscita consiste, antes de tudo, em esperar o Senhor (...). O Espírito é, para nós, o precursor do Verbo encarnado (...). Sim , porque Cristo vem, realmente, à nossa assembleia, penetra-a e chama cada um, a fim de levar todos ao Pai. É por essa vinda do Senhor, como Palavra do Pai, que a comunidade dos crentes torna-se assembleia que vai celebrar a liturgia[27].

Outra função do Paráclito é explicitada pelos verbos "recordar", "lembrar" ("*hypomimnéskein*"). O fato é que, à luz da teologia joaneia, as atividades de

[27] CORBON, J. *A fonte da liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999, p. 113.

"ensinar" e de "lembrar", confiadas ao Paráclito, somente podem ser devidamente compreendidas se postas uma em relação à outra – e é fundamental que se diga que essas duas atividades constituem o coração da Palavra celebrada, razão pela qual Bento XVI afirma ser o Paráclito o "fundamento da ação litúrgica". Isso pode se justificar pelo fato de o Paráclito exercer a sua atividade didática recordando tudo aquilo que Jesus ensinou.

A atividade do Espírito na Igreja é condição essencial para que a "lembrança" de tudo o que Jesus foi, fez e falou – e essa "lembrança" tornada presente e atualizada é a finalidade de toda a celebração da Palavra – se atualize, até que o Senhor venha (cf. 1Cor 11,26). Desse modo, o Paráclito é a própria "anámnese vivificante" da Igreja: ela vive da Palavra que recorda. É em virtude da potência memorial vivificante que os crentes, todas as vezes que escutam e praticam a Palavra, obedecem ao mandato do Senhor Jesus – "Fazei isso em minha memória" (Lc 22,19).

O Paráclito, ao desempenhar sua função de "recordar" a Palavra no memorial litúrgico, aponta para o Mistério Pascal de Jesus, continuamente atualizado na vida dos crentes. Da mesma forma, o Paráclito pode ser tido como o "hermeneuta" da Palavra celebrada, principalmente na medida em que interpreta os efeitos da salvação pascal em todas as etapas da história da salvação, sobretudo no seu clímax, que é a "morte-ressurreição-glorificação" de Jesus.

Continuamente proclamada na reunião dos batizados, a Palavra de Deus torna-se presença viva do Cristo, graças à virtude operante do Espírito Santo – o próprio agente plasmador da assembleia litúrgica. Na qualidade de "*Parákletos*", o Espírito de Deus é ainda o gerador da presença do *Kýrios*, Senhor e Salvador de todos os que ouvirem e acolherem a sua Palavra de vida. "A liturgia, nesse sentido, não é um culto do livro, e tampouco um mero rito, mas o culto do Espírito de Jesus Cristo. Proclama-se na Igreja a Sagrada Escritura, não para recordar acontecimentos passados ou para enriquecer a nossa bagagem cultural, e sim para que nos deixemos vivificar pelo Espírito mediante a Palavra viva de Deus"[28].

3. A Palavra de Deus na celebração litúrgica

A Exortação Apostólica *Verbum Domini* dedica-se, de maneira cuidadosa e prolongada, à reflexão sobre a celebração litúrgica como lugar privilegiado

[28] MALDONADO, L. - FERNÁNDEZ, P. op. cit., p. 261.

para a celebração da Palavra de Deus[29]. A estreitíssima unidade existente entre Palavra e celebração, com efeito, está radicada na própria matriz escriturística, é corroborada pela Tradição dos Padres da Igreja e foi enfaticamente reproposta pela teologia do Concílio Vaticano II.

O termo *dabar*, usado na bíblia hebraica, está longe de ser uma pura representação abstrata dirigida ao conhecimento, e jamais pode ser reduzido à comunicação fria e objetiva do "pensamento" de Deus em relação aos homens. Ao contrário, *dabar* apresenta-se no texto sagrado com uma realidade profundamente dinâmica que age, cria, intervém na história, torna possível a existência humana a fim de orientar-lhe o caminho. Esse termo, dessa forma, poderia ser traduzido simultaneamente como "palavra" e "acontecimento": uma "palavra-ação".

> Quando se anuncia ou acolhe a Palavra na ação litúrgica, deve-se fazer com profunda fé em sua força. Deus diz que se faça a luz e a luz se faz (Gn 1,3-5). A sua Palavra nunca é mera palavra vazia, oca, que o vento leva, como ocorre tantas vezes com a palavra do homem (...); é sim fato, acontecimento, como o indica o termo hebraico *dabar*; é, de maneira mais concreta, sabedoria, revelação, amor, escolha, aliança[30].

"Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam, sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar (...), tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não volta mim sem efeito; sem ter cumprido o que eu quis e realizado o objetivo de sua missão" (Is 55,10-11). Essa declaração contida no dêutero-Isaías expressa de maneira incisiva o que a revelação veterotestamentária concebia a respeito da Palavra de Deus. Além do mais, aí encontramos dois aspectos a serem levados em conta: o caráter de dom da Palavra e os seus efeitos imediatos sempre que for proclamada. A imagem da chuva e da neve mostra claramente que a terra – o coração do homem – não pode ser fecunda sem o dom que vem do céu. De igual maneira, segundo a mensagem profética, a Palavra é uma mensageira que cumpre, infalivelmente, o encargo que lhe foi confiado: encontra-se a serviço do desígnio divino, levando-o ao seu pleno cumprimento.

O autor da Carta aos hebreus, por sua vez, testemunha que a "Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, junturas e medulas. Ela julga as disposições

[29] VD, n. 52-71.

[30] MALDONADO, L. - FERNÁNDEZ, P. op. cit., p. 189.

e as intenções do coração" (Hb 4,12). Destacando apenas o termo "*energés*" usado pelo autor sagrado nesta passagem, percebemos de imediato o caráter "energético" da Palavra que procede de Deus, isto é, o seu timbre essencialmente ativo, efetivo, poderoso, operativo, eficaz. Certamente trata-se de uma realidade que não conhece obstáculos e sempre haverá de alcançar os seus objetivos. Inserida na humanidade e sendo capaz julgar "as disposições e as intenções" de cada homem, a Palavra tem a potência de orientar os caminhos da história, fazendo com que esta, gradativamente, atinja a sua plena realização: a encarnação da Palavra.

Referindo-se ao mistério do evento da encarnação do Verbo, relatado no Prólogo do Evangelho de João, afirma a *Verbum Domini* tratar-se de "um texto admirável que dá uma síntese de toda a fé cristã"[31]. Sendo a síntese da fé cristã, tal evento é, de certa forma, o núcleo de toda a história da salvação ou da economia. "Os Santos Padres gostavam de denominar tudo isso com o termo 'economia'. Esta palavra indica ao mesmo tempo as grandes intervenções de Deus com a qual a história está entremeada; o plano divino (...); a Palavra de Deus, que proclama este plano de salvação e o realiza, suscita os acontecimentos e os interpreta[32]".

Profundamente imbuídos pela noção bíblico-teológica de *oikonomia*, os Padres da Igreja foram capazes de captar o profundo sentido do plano divino da salvação levado a cabo pelo mistério pascal de Cristo, núcleo da vida da Igreja e da celebração cristã. Único e compartilhável ao mesmo tempo, o mistério pascal torna-se uma atualidade viva, um perene *hodie*, sempre que a Palavra de Deus é proclamada nos Sacramentos celebrados pela Igreja.

"Na celebração litúrgica é máxima a importância da Palavra de Deus", recorda-nos veementemente o Concílio Vaticano II[33]. Resgatar a importância da Palavra de Deus no âmbito assembleal e a sua índole proclamativa, foi uma das principais intenções do Vaticano II e da reforma litúrgica nele inspirada. Certamente, essa reforma outra coisa não pretendeu senão voltar às fontes e às origens mais genuínas da celebração cristã. "Com efeito, já a celebração da liturgia judaica, em especial a sinagogal do sábado, fundamentou-se basicamente nas leituras das diversas perícopes bíblicas (chamadas *parashen)* e, de modo mais particular, nas do Pentateuco ou "tora" e dos profetas (cf. Lc 4,16-27; At 13,14-43; 15,26)"[34].

[31] VD, n. 5.

[32] MAGRASSI, M. op cit., p. 89-90.

[33] SC, n. 24.

[34] MALDONADO, L. - FERNÁNDEZ, P. op. cit., p. 189.

Tal como o povo da primeira aliança, o novo Israel encontra a sua identidade sempre que se torna capaz de responder à "convocação" que, incessantemente, Deus lhe faz por meio de sua Palavra. Reunido para celebrar o mistério da aliança, o povo de Deus é, agora, provocado por essa mesma Palavra que o convoca. É essa provocação ou interpelação que torna possível a "invocação", isto é, a resposta que toda assembléia reunida é chamada a dar a Deus. Nisso, fundamentalmente consiste a diferença entre a Palavra de Deus proclamada e celebrada em assembléia litúrgica e a Sagrada Escritura lida e meditada individualmente. Com efeito, na celebração litúrgica realiza-se de forma plena a mediação dialogante entre Deus e a Igreja, por meio do Verbo encarnado. Por essa razão, o Concílio Vaticano II, além de fundamentar a primazia da Palavra de Deus na celebração no motivo ec1esiológico – a Igreja é a assembléia convocada para celebrar a Palavra –, o faz, principalmente, em sua motivação cristológica, assim formulada: "Cristo está presente em sua Palavra. É ele quem fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja"[35].

A celebração litúrgica sustenta-se fundamentalmente na Palavra de Deus, razão pela qual se transforma em um acontecimento sempre novo e atual. "Por isso, a Igreja continua fielmente na liturgia o mesmo sistema que usou Cristo na leitura e interpretação das Sagradas Escrituras, visto que ele exorta a aprofundar o conjunto das Escrituras, partindo do "hoje" de seu acontecimento pessoal"[36]. Tal como declarara Jesus numa liturgia sinagogal em Nazaré – "Hoje realizou-se essa Escritura que acabastes de ouvir (Lc 4,21) –, também a Igreja de todos tempos é convidada a fazer a mesma declaração em virtude da Palavra de Deus que celebra e atualiza. O *hodie* das maravilhas de Deus, nesse sentido, atualiza-se na comunidade de fé na vida de cada batizado sempre que a Palavra da vida é proclamada, o que equivale a dizer que a economia da salvação é sempre nova e atual. Ao enfatizar a atualidade da *historia salutis* em virtude do mistério litúrgico celebrado e da Palavra de Deus nele proclamada, afirma M. Magrassi: "Mais que estudada cientificamente, a Bíblia deve ser lida e explicada na comunidade, onde os livros sagrados permanecem Palavra viva de um Deus que está presente e continua a realizar suas obras"[37].

Os "livros sagrados permanecem Palavra viva": sem dúvida alguma, esta tem sido uma experiência eclesial e pessoal na vida de nossas comunidades, no Brasil e na América Latina em geral. São inúmeros os testemunhos

[35] SC, n. 7.

[36] OLM, n. 3.

[37] MAGRASSI, M. op. cit., p. 109.

dessa realidade. Podemos afirmar que o desejo do Concilio Vaticano II – que os "tesouros bíblicos sejam largamente abertos" [38] a todo o Povo de Deus – tem sido realizado entre nós, ainda que, certamente, tenhamos um caminho a fazer nessa direção. À guisa de ilustração, dentre tantos documentos latino-americanos e estudos afins dedicados a essa questão, limito-me a citar uma conclusão da Conferência de Puebla: "As celebrações da Palavra, com uma abundante, variada e bem escolhida leitura da Sagrada Escritura (SC 35), são de muito proveito para a comunidade, principalmente onde não há presbíteros e, sobretudo, para a realização do culto dominical"[39].

Não se pode falar do tema da Palavra de Deus na celebração litúrgica sem mencionar a importância que vem sendo dada nos últimos decênios à prática da *lectio divina*. De grande valor para a espiritualidade dos batizados e a fecundidade de nossas comunidades, tal prática tem se mostrado uma realidade em progressivo crescimento na experiência pastoral de nossos dias. Fortemente estimulada pelo Concílio Vaticano II – que exorta os cristãos ao apego às Escrituras, à sua leitura assídua e ao seu diligente estudo[40] –, a leitura orante da bíblia foi também objeto de preocupação da Exortação Apostólica *Verbum Domini*. O documento volta a lembrar-nos que a "abordagem orante do texto sagrado" é um "elemento fundamental da vida espiritual de todo o fiel, nos diversos ministérios de vida", uma vez que a "Palavra de Deus está na base de toda espiritualidade cristã autêntica"[41].

Na perspectiva da nossa abordagem – a liturgia como lugar privilegiado da Palavra de Deus – é de extrema importância a proposta de uma práxis da leitura orante integrada à celebração eucarística, de modo particular àquela dominical. Nesse sentido, convém recordar o valor ímpar do *Ordo Lectionum Missae*[42].

---

[38] SC, n. 51.

[39] PUEBLA, III Conferência do Episcopado Latino-Americano,Petrópolis, Vozes, 1982, n. 929. Convém ainda conferir: CELAM. Manual de Liturgia II. Vol. II. *A celebração do mistério pascal. Fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 143-191; BUYST, I. *A Palavra de Deus na liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001; PUIG, A. – VERNET, J. M. – FEDERICI, T. "Oyentes de la Parola". In: *Phase* 105 (200), p. 3-78.

[40] *Constituição Dogmática Dei Verbum*, n. 25.

[41] VD, n. 86. Conferir: BIANCHI, E. *Lectio Divina, ontem e hoje*. Juiz de Fora: Subiaco, 2005; Idem. *La lettura spirituale della Bibbia*. Casale Monferrato: Piemme, 2000; MORFINO, M. M. *Leggere la Bibbia com la vita*. Magnano: Qiqajon, 1990; CENCINI, A. *A vida ao ritmo da Palavra. Como deixar-se plasmar pela Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2010.

[42] Trata-se de um documento elaborado pela Sagrada Congregação para os Sacramentos e o Culto Divino, impresso em sua primeira edição no ano de 1969. Em 1985, este documento foi publicado no Brasil como *A Palavra de Deus na Missa*, pelas Edições Paulinas. No ano de 2007,

Na esteira do Concílio Vaticano II, esse documento ressalta a importância da Palavra na vida dos batizados e na celebração litúrgica da Igreja. Nele vê-se o resgate da espiritualidade da Palavra ao longo de toda a história da salvação. Ao tomar hoje a Escritura em suas mãos, a Igreja se percebe em plena linha de continuidade com a revelação bíblica, sobretudo quando celebra o mistério de sua fé. "Deste modo, a mesma celebração litúrgica, que se sustenta e se apóia principalmente na Palavra de Deus, converte-se num acontecimento novo e enriquece a palavra com uma nova interpretação e eficácia"[43].

A nível pessoal e comunitário – e aqui poderíamos pensar em nossos grupos de oração, nossas comunidades de base, nossos grupos de partilha da Palavra, etc – parece-nos oportuno incentivar uma práxis da *lectio divina* que tenha como inspiração e paradigma a celebração eucarística do Dia do Senhor. O Lecionário Dominical que hoje dispomos, em seus três ciclos, apresenta-nos uma riqueza insondável do "tesouro da Palavra" que está à espera de ser explorado. Aquela que foi a opção preferencial da Igreja no que concerne à *lectio* litúrgica, pode se tornar a base fundamental para a leitura orante na vida dos crentes. "Por isso, a Igreja continua fielmente na liturgia o mesmo sistema que usou Cristo na leitura e interpretação das Sagradas Escrituras, visto que ele exorta a aprofundar o conjunto das Escrituras, partindo do "hoje" de seu acontecimento pessoal"[44].

Uma *lectio divina* que esteja em total sintonia com as leituras bíblicas proclamadas na celebração eucarística ao longo do Ano Litúrgico, certamente pode se constituir numa mistagogia permanente para aqueles que desejam viver e crescer na fé recebida no batismo. Assim como as catequeses mistagógicas, segundo a práxis patrística, eram direcionadas àqueles que haviam sido iniciados na fé cristã – cujo termo era sempre a celebração da Eucaristia –, a "mistagogia" permanente da leitura orante da Escritura poderia se tornar uma práxis pastoral que outra coisa não visa senão aquele que foi o desejo Concílio Vaticano para todo o Povo de Deus: "Na celebração litúrgica é máxima a importância da Sagrada Escritura[45]". Alimentados e cada vez mais transformados pela Palavra celebrada, estaremos em melhores condições de testemu-

---

este mesmo documento foi reeditado – após a sua segunda edição oficial – pela mesma editora como seguinte título: *A Mesa da Palavra I. Elenco das leituras da Missa.*

[43] OLM, n. 3.

[44] Idem.

[45] SC, n. 24. Conferir: LÓPEZ MARTÍN, J. *No Espírito e na verdade. Introdução teológica à liturgia*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 225-252.

nhar essa mesma Palavra com as nossas próprias vidas. A *lex vivendi*, nesse sentido, conforme no-lo testifica a permanente tradição da Igreja, depende visceralmente da *lex celebrandi* da Palavra de Deus.

Conclusão

A nossa exposição foi motivada pelo reconhecimento do valor teológico, catequético e pastoral presentes no número 52 da Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*. É importante ressaltar que tal parágrafo encontra-se contextualizado na II parte do Documento intitulada "*Verbum in Ecclesia*", dado importante, uma vez que a celebração da Palavra é uma realidade essencialmente eclesial. Foi ainda do nosso interesse nos servir do título que encabeça o parágrafo em questão: "Liturgia, lugar privilegiado da Palavra de Deus". A partir desses dados, foi feita uma opção metodológica que nos conduziu a três temáticas específicas, como vimos: a realidade da presença de Cristo em cada ato litúrgico, a dimensão pneumática da Palavra na celebração cultual e a Palavra de Deus na celebração litúrgica.

O fato de a *Verbum Domini* declarar ser a celebração litúrgica "o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente da nossa vida", por si só, confere uma importância bíblico-litúrgica à reflexão. No substrato dessa elaboração podemos perceber o "húmus" fecundo de uma teologia que vem sendo maturada ao longo das últimas cinco décadas do pós-Concílio Vaticano II. Importa destacar, de modo especial, o aparato de documentação litúrgica e a fundamentação bíblica que respalda a proposta do número 52 da Exortação.

Sabedores de que é na celebração litúrgica que a Palavra encontra sua plena atualidade e "máxima importância", nutrimos a esperança de que este texto possa contribuir, de certa forma, para que cresça a consciência dessa importância. A todos os batizados é franqueada a possibilidade de "orar" e "celebrar" a Palavra de Deus no seu *locus* vital, que é o âmbito litúrgico. Todos os que participam da *lectio* celebrativa da Igreja são enriquecidos com os sinais de Deus: eles se reproduzem eficazmente por ocasião da proclamação da Palavra de Deus, acolhida pessoal e comunitariamente.

Referências Bibliográficas

ALDAZÁBAL, J. (org.). *Mesa da Palavra*. Vol. I. *Elenco das leituras da Missa.* São Paulo, Paulinas, 2007.

BECKÄUSER, A. (org.). *Sacrosancum Concilium. Texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.

BIANCHI, E. *La lettura spirituale della Bibbia*. Casale Monferrato: Piemme, 2000.

_____. *Lectio Divina, ontem e hoje*. Juiz de Fora: Subiaco, 2005.

BUYST, I. *A Palavra de Deus na liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2001.

CELAM. *Manual de Liturgia II. A celebração do mistério pascal. Fundamentos teológicos e elementos constitutivos*. São Paulo: Paulus, 2005.

CENCINI, A. *A vida ao ritmo da Palavra*. *Como deixar-se plasmar pela Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA SOBRE A REVELAÇÃO DIVINA VATICANO *DEI VERBUM*. São Paulo: Paulinas, 2010.

CORBON, J. *A fonte da liturgia*. Lisboa: Paulinas, 1999.

KUNZLER, M. *La liturgia della Chiesa*. Milano: Jaca Book, 1990.

MAGRASSI, M. *Viver a Palavra*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MALDONADO, L. - FERNÁNDEZ, P. "A celebração litúrgica: Fenomenologia e teologia da celebração". In: BOROBIO. D. (org.) *A celebração da Igreja*. Vol. I. São Paulo: Loyola, 1990. p. 163-282.

MORFINO, M. M. *Leggere la Bibbia com la vita*. Magnano: Qiqajon, 1990.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O povo judeu e suas Sagradas Escrituras*. São Paulo: Paulinas, 2002.

PUEBLA, III Conferência do Episcopado Latino-Americano, Petrópolis, Vozes, 1982.

PUIG, A. – VERNET, J. M. – FEDERICI, T. “Oyentes de la Parola”. In: *Phase* 105 (200), p. 3-78.

RINAUDO, S. *La liturgia, epifania dello Spirito*. Torino: Elle do Ci, 1980.

TRIACCA, A. M. “La celebrazione liturgica, epifania dello Spirito Santo”. In: AA. VV. *Lo Spirito Santo nella liturgia*. Roma: Edizioni Liturgiche, 1999, p. 61-87.

LÓPEZ MARTÍN, J. *No Espírito e na verdade. Introdução teológica à liturgia*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1996.

Luiz Fernando Ribeiro Santana
Doutor em Teologia pela PUC-Rio
Professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio
Professor do Instituto Superior de Teologia da Arquidiocese do Rio
Brasil
E-mail: l.fernando@superig.com.br

Recebido em 29/05/13
Aprovado em 24/10/13